

As Formas Franciscanas de Serviço

Reflexões esperançosas em tempos perigosos



“São Francisco e o Lobo de Gubbio”, Cristoforo di Bindoccio e Meo di Pero, c. 1363 - Afresco, Capela de San Francesco, Pienza, Itália

Rev. Canon Jeff Golliher, PhD

Ministro Assistente Provincial de Ecologia Sagrada TSSF,
Província das Américas,

2021

Conteúdo

Prefácio de John Hebenton, TSSF, Ministro Geral, Sociedade da Terceira Ordem de São Francisco

Prefácio

Introdução: Os Franciscanos e o Sagrado Tecido da Vida

Por que devemos aprofundar nossa vida de oração: uma visão da ecologia sagrada

Reflexões franciscanas sobre o significado de “estudo”: uma perspectiva desgraçada

‘Reconstrue minha igreja’, tecendo nossa vida juntos: reflexões sobre o serviço do ‘trabalho’

Publicado pela Terceira Ordem, Sociedade de São Francisco.

© copyright 2021 Terceira Ordem, Sociedade de São Francisco.

É possível usar qualquer parte desta publicação para fins não comerciais, citando porém os créditos:

<https://tssf.org.uk/about-the-third-order/further-resources/The-Franciscan-Forms-of-Service>.

Cópias digitais estão disponíveis em:

<https://tssf.org.uk/about-the-third-order/further-resources/The-Franciscan-Forms-of-Service>

Cópias impressas estão disponíveis em:

Distribuição de Terceira Ordem, The Old Parsonage, 168 Wroslyn Road, Freeland, Witney, OX29 8AQ, Reino Unido.

e-mail: distribution@tssf.org.uk.

Preço £4,50 para endereços no Reino Unido por cheque ou transferência bancária;

e GBP6,50 para endereços fora do Reino Unido por transferência bancária para:

Third Order Society of St Francis, IBAN: GB71LOYD30971600334910.

Prefácio

Na nossa mais recente reunião (2019) dos cinco Ministros Provinciais com o Ministro Geral em Long Island, Nova York, passamos muito tempo refletindo sobre a crise climática e qual pode ser nossa resposta como Ordem Franciscana. Nas nossas conversas fomos muito ajudados pelas palavras do Arcebispo Mark McDonald TSSF, o Arcebispo Nacional Indígena Anglicano da Igreja Anglicana do Canadá que nos oferece a visão ecológica dos povos indígenas ao redor do mundo. E também fomos muito ajudados pela presença e contribuição do Rev. Canon Jeff Gollither, o Ministro Assistente Provincial de Ecologia Sagrada da Província das Américas.

Conheci Jeff em outubro do ano anterior, em uma reunião do Capítulo da Província das Américas. No último dia, ele nos conduziu pelo recém-lançado relatório especial do IPCC sobre os impactos do aquecimento global de 1,5°C acima dos níveis pré-industriais.

Jeff foi o porta-voz anglicano sobre Mudanças Climáticas na ONU durante grande parte dos últimos 30 anos. Com lágrimas de frustração, ele descreveu como quase chegamos ao ponto de inflexão e como a humanidade precisava agir agora! Temos até 2030 para reduzir pela metade nossas emissões de gases de efeito estufa e até 2050 para erradicá-los totalmente. Foi um momento chocante para muitos de nós. Eu sabia que as mudanças climáticas era uma questão premente, mas, como muitos, eu vivia na crença equivocada de que tínhamos muito tempo para agir. Era importante, mas não urgente. Foi um despertar muito brusco descobrir que temos pouco ou nenhum tempo. Senti-me paralisado de medo, descrença e desespero. Enquanto eu ainda me encontro voltando a esta resposta, para aqueles de nós que ouviram Jeff, e para os ministros que se reuniram um ano depois, o desafio é como responder a isso do ponto de vista de nossa carisma. Não precisamos de mais medo. O que é necessário é uma reformulação urgente de nosso relacionamento com o dom da criação de Deus e que as pessoas ajam de acordo com isso. Ou como Jeff diz, como Francisco, precisamos do Espírito para abrir nossas almas ao sagrado em todo o tecido da vida para que possamos colocar em prática nossos princípios franciscanos.

Assim, de seus anos vivendo como padre franciscano imerso nas questões das mudanças do clima, Jeff nos oferece este livro tão necessário nos convidando a aprofundar nossa compreensão da Regra e dos Princípios de nossa Ordem. Este não é um manifesto de ações. Já há muitos desses. Em vez disso, ele oferece isso como um meio para o Espírito nos guiar no caminho franciscano de esperança e discernimento.

O objetivo de nossa Regra e dos nossos Princípios, diz ele, é aprofundar nosso relacionamento com Deus e a criação e fornecer um veículo pelo qual possamos tecer nossas almas dentro do tecido da vida. À luz da crise climática, ele nos convida a tomar nossa cruz e seguir o caminho esperançoso de Cristo vivendo intencionalmente nossas três formas de serviço; oração, estudo e trabalho.

Neste maravilhoso livrinho, Jeff explora individualmente cada uma dessas formas de serviço como meio de tecer nossas almas, ao mesmo tempo em que nos

lembra como elas também são profundamente entrelaçadas. Na vivência intencional de nossas três formas de serviço, ele sugere que nossa tarefa é discernir até que ponto nós, como franciscanos, estamos ajudando a tecer o tecido da vida de maneiras vivificantes. Devemos também discernir as maneiras pelas quais participamos de todo o processo de colonização que foi tão destrutivo para muitos povos indígenas, e explorados, perturbados e deformados. Para saber o caminho a seguir precisamos nos arrepender de como contribuimos e ainda contribuimos para esta crise atual. Nesse trabalho de discernimento, somos lembrados que a Terceira Ordem começou como uma ordem para a 'conversão da vida'. Ele nos lembra que Francisco estava empenhado em mais do que reconstruir uma igreja; ele queria renovar toda uma maneira de pensar. Esta conversão acontece através da oração, estudo e trabalho.

Convido você, porém, a ler este livro em espírito de oração, permitindo que suas palavras moldem sua prática, informem seu entendimento e possam levar você a viver com esperança e discernimento, honrando o princípio que "nossas vidas são continuamente tecidas em um único, imensamente diverso e sagrado tecido de toda a vida, que é a nossa casa comum e a vida em comum".

Te pai me te rangimãrie (paz e todo o bem)

John Hebenton TSSF

A handwritten signature in black ink that reads "John Hebert TSSF". The signature is written in a cursive, flowing style.

Ministro Geral

Terceira Ordem, Sociedade de São Francisco

Prefácio

Estas reflexões pretendem encorajar a conversa viva, o discernimento profundo, e a amizade espiritual encontrada no coração do carisma franciscano. Elas não são papéis de posicionamento, mas convites para um desdobramento em nossa alma coletiva que vem acontecendo há muitos anos. A introdução fornece alguns antecedentes para muitas das questões envolvidas, tanto espirituais quanto científicas. As próprias reflexões foram ligeiramente revistas em relação às versões anteriores para incorporar feedbacks perspicazes de toda a nossa diversificada Terceira Ordem global.

Agradeço muito a Maggie Ross, Jon Sweeny, Janet Fedders, Mark MacDonald, John Heberton, Charlie McCarron, Celso Franco de Oliveira, Masud Syedullah, Carol Tookey, John Brockmann, Ken Gray, Joyce Wilding, Asha Lynne Golliher, todos os Ministros Provinciais da Terceira Ordem, e a quatro colegas que faleceram alguns anos atrás - Emmett Jarrett, Ted Roszak, James Hillman e Darrell Posey.



Introdução: Franciscanos e o Sagrado Tecido da Vida

Então tomou um pão e, tendo dado graças, partiu-o e deu-o a seus discípulos, dizendo: 'Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim'. (Lucas 22:19)

Nossos Princípios Franciscanos identificam a oração, o estudo e o trabalho como as três formas de Serviço da Ordem Terceira. Conhecemos bem essas palavras e percebemos que o significado dessas palavras é muito mais profundo do que suas definições padrão. Quando imaginamos como o tecido sagrado da vida pode percebê-lo, então nossa Regra e Princípios se tornam sagrados fios que tecem nossas almas, corações, mentes, corpos e comunidades com A criação de Deus, nossa casa comum. Na nossa liturgia eucarística, eles surgem do profundo rio de significado que flui do Corpo de Cristo - nossa ação de graças, o corpo quebrado, ressuscitando para uma nova vida com Ele, e a lembrança em oração sobre a qual ele falou: *Fazei isto em memória de mim*. Para lembrar que dessa maneira isso deve ter acontecido profundamente com São Francisco e Santa Clara. Eles chegaram a um ponto de virada em suas vidas, e com a ajuda de Deus, eles passaram pela Porta de Cristo.

Cada um de nós pode se lembrar de seus próprios pontos de virada, quando precisamos repensar e refazer nossas ideias sobre quem é Deus, quem somos e como são nossos relacionamentos. Não é fácil, mas então nos lembramos do que Jesus disse, *meu jugo é suave, meu fardo é leve (Mateus 11:30)*. Pontos de virada levam a momentos de desabafo bem-vindo e desembrulhamo-nos do que não precisamos nem queremos. Amigos muitas vezes ajudam. Quando o Espírito Santo levou Francisco e Clara a lugares inusitados como aquele, eles encontraram a presença de Deus, a simplicidade e a amizade de longo alcance. Por isso podemos imaginar São Francisco falando às nossas almas agora: *o que você está esperando, vá em frente*.

Meu propósito aqui é duplo. Primeiro, é compartilhar encorajamento e esperança, para que possamos estender a amizade franciscana até onde nossos corações e almas possam imaginar. Eu entendo a esperança na forma de Paulo Freire (1992), teólogo brasileiro da libertação, que acreditava que a esperança genuína deve basear-se numa visão criteriosa das realidades presentes, por mais difíceis que sejam. Por essa razão, nossa visão convencional de discernimento deve ser aprofundada também. Significa perceber a diferença entre o que é moralmente correto e errado, e também perceber as diferenças entre verdade, ilusão e desilusão. Isto é importante porque a esperança é real - e a esperança, como o amor, é essencial. Como Freire sabia bem, porém, muitas vezes minamos a esperança confundindo-a com desejosas, mas distorcidas suposições e ideias. Ter esperança e desejar não são a mesma coisa. Com esse entendimento, meu segundo objetivo é afirmar algo que já sabemos – que avançar é retomar nossa cruces, individualmente e em conjunto, e seguir o caminho de Cristo.

Nosso ponto de virada compartilhado

Todos que estão lendo estas palavras estão vivendo uma época de crescentes conflitos políticos, perigo econômico, ecológico e climático – o ponto de virada que todos nós compartilhamos. Sem exagero, foi descrito como "impensável" e "como nenhum outro na história humana". Nos enganamos ao pensar nisso como apenas o pano de fundo ou contexto de nossas vidas - uma condição externa que precisa ser corrigida para que possamos então continuar com a vida como antes. Esforços para romper suposições como essa vêm aumentando nos tempos modernos, mas eles se estendem através dos séculos, inclusive na tradição anglicana. Pense em Richard Hooker em 1500, conselheiro de Elizabeth I, que com Thomas Cranmer estabeleceu o fundamento teológico do anglicanismo.

Afirmando a Razão e a Lei Natural, Hooker acreditava que temos dois textos compartilhados: as *Sagradas Escrituras* e a *Natureza* (Kirby 1999). Vivendo, por vezes, em confusão, e também em perturbação, ele estava fazendo questão de que, juntamente com as Sagradas Escrituras, o tecido da vida seja uma manifestação profundamente sagrada da presença de Deus. Mesmo assim, desde esse tempo, o tecido sagrado da vida tem sido cada vez mais atacado em todo o mundo, muitas vezes em nome de Deus, que é uma das formas que a idolatria toma quando é usada para racionalizar a exploração colonial.

Em tempos mais recentes, ativistas, cientistas, filósofos, formuladores de políticas e em 2020, o secretário-geral da ONU, Guterres, todos descreveram essa “guerra contra a natureza” contínua como a causa de nossa atual emergência. Envolvendo a exploração persistente e prolongada que inclui escravidão humana, genocídio e roubo de terras, além de destruição ecológica. Nos últimos setenta anos, muitas nações e religiões do mundo tomaram medidas para reverter esta guerra. Não tem sido o suficiente, e nem de perto, rápido o suficiente, mas tem acontecido. Um passo significativo ocorreu nas décadas de 1970 e 80, quando os cientistas começaram a confirmar que o ‘mundo’ que conhecemos na Terra não é como uma máquina (uma metáfora patriarcal), mas um planeta dinâmico, entrelaçado, vivo que nos enche de admiração. Essa visão emergente foi extremamente importante; mas como muitas pessoas perceberam, era tudo menos nova. A vida e a cultura dos povos indígenas foram intencionalmente fundamentadas no tecido vivo da vida, mesmo quando foram massacrados e suas terras roubadas. Chefe Oren Lyons (1999:450) - Guardiã da Fé do Clã Tartaruga, Onondaga Conselho do Chefes, Haudenosaunee - descreve os indígenas desta forma, usando o sLakota como exemplo:

Os Lakota terminam todas as suas orações com: 'todas as minhas relações'. Isso significa mais do que suas famílias ou famílias extensas. Inclui toda a vida nesta terra. É o reconhecimento, o respeito e amor pela “teia da vida” interconectada da qual o chefe Seattle falava. É uma instrução para a comunidade humana de nossa relação com a terra. Chamamos a terra de 'mãe' para enfatizar este relacionamento. É o reconhecimento de que este misterioso poder da força vital brota da semente. Esta é a grande lei regenerativa da vida nesta terra.



Chefe Oren Lyons, Guardião da Fé do Clã Tartaruga

Foto: Vicente Schilling

Mark MacDonald (2020), o antigo Arcebispo Anglicano Nacional Indígena do Canadá, nos encorajou a relembrar tempos da história franciscana quando nossa Ordem foi cúmplice da exploração colonial, incluindo roubo e genocídio. Ao dizer isso, ele está fazendo um apelo para o nosso retorno à integridade” e “estar com os povos indígenas”,

ênfatizando que recordar, reconciliar e restaurar desta forma pode ser uma maneira de reparação aos povos indígenas e à Mãe Terra. As questões críticas, então, são essencialmente estas: Estamos dispostos a fazer o exame espiritual e moral de que precisamos? Nós vamos apoiar os povos indígenas e a Mãe Terra?

Retomando os fios históricos mais uma vez, nos anos 80 e 90, estava a caminho uma corrida para parar a guerra contra a natureza, grande parte dela organizada pelas Nações Unidas com a colaboração ativa de organizações religiosas e ambientais em cada continente, incluindo o Conselho Mundial de Igrejas. Um esforço substancial para mover nações em direção a uma era pós-colonial era a intenção subjacente. Isso não era apenas conversa, mas a percepção de que um ponto de virada havia sido alcançado e o destino da terra dependia de como reagimos. Filósofos como Rene Dubos, que trabalhou com a ONU e valorizou a conexão com São Francisco, introduziu os termos modernos "sagrada ecologia" e "pensar globalmente, agir localmente", ambos apontando para "praticar o que "pregamos" caminho que deve ser percorrido para viver respeitosamente com ética, justiça e temor nossa casa comum.

Em 1992, a Cúpula da Terra das Nações Unidas se reuniu no Rio para iniciar uma amplo processo para enfrentar a crise global. A fase inicial levaria dez anos, seguida por negociações que continuam até hoje. No topo da lista de prioridades estavam desenvolvimento sustentável e pobreza, mulheres e direitos das mulheres, direitos humanos, migrantes e refugiados, população, clima, alimentos, água, energia, pequenos estados insulares e biodiversidade. Algumas corporações entenderam o que estava em jogo e adotaram políticas e práticas de acordo com a visão global pós-colonial. O derradeiro objetivo era tecer ciência, economia, política, ética e religiões não só com o tecido da vida, mas também como suporte contra as forças coloniais que, se temia, exerceriam seu poder de novas maneiras.

De forma não surpreendente, foi também quando os 'principados e potestades' começaram o retrocesso. Isso tomou muitas formas. A 'mão invisível' de Wall Street tomou decisões suficientes nos bastidores e publicamente para retardar ou interromper os esforços para parar a guerra contra a natureza em favor do lucro. Foram feitos acordos comerciais globais que, pelo menos na superfície, honravam as realidades ecológicas e os direitos humanos, mas detinham a resistência sustentável dos ativistas ambientais e de direitos humanos. Outra preocupação era que palavras como "ecologia" fossem distorcidas ou cooptadas por corporações e políticas e poderes da mesma forma que a genética já foi vista através das lentes da eugenia.

Eco-psicólogos como Roszak (1999) esperavam que os princípios científicos e a ética da ecologia não seriam distorcidos pelas agendas do antigo regime, mas se tornariam um caminho esperançoso para um genuíno despertar global. Por todas essas razões e muitas outras além dessas, as ONGs que participavam das reuniões da ONU frequentemente protestavam contra a substancial influência corporativa na formulação de políticas globais. As igrejas e os líderes das igrejas muitas vezes se juntavam ou lideravam esses protestos, incluindo o arcebispo Desmond Tutu.

Outra preocupação implícita era que o espírito de cooperação global fosse prejudicado pela ascensão de movimentos políticos autoritários. Hoje, essa preocupação foi realizada. Movimentos desse tipo surgiram em muitos países onde o nacionalismo combinou-se com o poder corporativo para se infiltrar ou cooptar o processo democrático. Qualquer respeito genuíno pelas “causas globais” não entra em discussões.

Sua propaganda fomenta a injustiça racial e a exploração ambiental, semeia o medo e confusão através da divisão política e, ao fazê-lo, desvia a atenção das pessoas dos fundamentos espirituais de uma genuína "vida em conjunto", como disse Dietrich Bonhoeffer, o grande pastor e teólogo resistente aos nazistas, colocou na década de 1930.

São Francisco é nosso exemplo histórico de uma “vida juntos” vista através de uma perspectiva expansiva de uma lente inclusiva, e é por isso que ele foi chamado de 'padroeiro da ecologia'. O espírito abriu sua alma para a vida sagrada de um leproso e, então, para todo o tecido da vida. Não deveria ser surpresa, então, que o desafio de colocar nossos Princípios Franciscanos em prática hoje surge da mesma vocação - recuperar dentro de nós um profundo sentimento por uma vida genuinamente moral e ética, ao mesmo tempo em que refazemos nossas vidas juntos dentro do tecido sagrado da vida, nossa casa comum.

As formas de serviço em uma ordem penitencial

Como podemos fazer isso? Como podemos criar uma vida juntos que seja fiel a Deus - honesta e respeitosa com “todas as nossas relações”, como dizem os povos indígenas? Em uma recente discussão sobre isso, Charlie McCarron TSSF enfatizou que a raiz penitencial para os Franciscanos da Ordem Terceira é a conversão da vida. Essa visão transformacional está no coração do carisma franciscano. E sabemos que São Francisco e Santa Clara levaram o significado de 'penitência' a um nível mais profundo do que normalmente era entendido em seu tempo ou no nosso. Todos precisamos nos abrir mais plenamente ao Espírito que nos ajudará a discernir o que 'penitência' e 'conversão de vida' realmente significam em nossos relacionamentos com cada outro como parte do tecido da vida.

Para buscar a conversão da vida, a Oração, o Trabalho e o Estudo devem ser perseguidos em formas que vão ao encontro das realidades do presente. Ao fazer isso, duas questões escorregadias inevitavelmente surgem: (1) a interação entre unidade e diversidade dentro de nossa Ordem, e (2) nossa identidade pessoal e coletiva como franciscanos. Antes de avançar para as três reflexões, quero explorar brevemente essas questões aqui.

Unidade e Diversidade

Em nossa vida juntos - incluindo oração, estudo, trabalho - é crucial apreciar o valor da unidade e da diversidade. Isto é especialmente verdade nos dias de hoje, quando as vidas e experiências de todos são interrompidas não apenas pela pandemia, mas também por causa de conflitos na política, nas relações raciais, na lei e na justiça, e até mesmo na vida familiar, como elas se relacionam com a destruição ecológica. Essas formas de conflito estão todas inter-relacionadas, afetando a forma como pensamos, interagimos e formamos planos organizacionais, de maneiras sutis que muitas vezes não percebemos.

Uma resposta comum a momentos estressantes é perceber a diversidade como um problema, uma fraqueza ou uma ameaça. Para fortalecer nossa Ordem, especialmente em tempos como este, é fundamental lembrar-nos que a relação entre unidade e diversidade não é e/ou, mas ambos/e. Ambos são igualmente importantes. Quando a ONU encomendou sua equipe intelectual e quadro de experiências para a Convenção da Biodiversidade, a resposta dada foi que as diversidades cultural e biológica estão inextricavelmente ligadas no tecido da vida (Posey, et.al, 1999, Golliher 1999). O tecido sagrado prospera por causa de sua diversidade vibrante.

O mesmo princípio vale para nossa Ordem e toda a Sociedade de São Francisco. Fazemos parte de diversas culturas e ecossistemas em todo o mundo, e cada membro nosso tem interesses especiais ou presentes em uma ou mais de nossas Formas de Serviço, que qualquer um de nós pode perseguir de maneiras distintas e criativas. Tudo isso são expressões de diversidade dentro de nossa unidade - como foi a visão original e a intenção de São Francisco.

Auto-esvaziamento e lembrança

Uma grande ironia em tudo isso é que a palavra “lembrar” tem significado espiritual que geralmente ignoramos ou esquecemos! O significado crucial aqui envolve uma profundidade de lembrança que emerge quando afrouxamos ou desapertamos o nó do ego em nossas mentes conscientes. Quando podemos parar de falar tanto para nós mesmos, recuperamos a capacidade de ouvir - ouvir o Espírito, o tecido da vida, e uns aos outros. Este processo é descrito de forma contemplativa-espiritual-psicológica como *kenosis* ou autoesvaziamento. A oração que encoraja o silêncio interior é a chave, e sua relevância não está confinada à vida dos contemplativos. Pontos de virada são momentos para integrar a dimensão contemplativa de nossas vidas com ação - como Thomas Merton encorajou anos atrás. Fazer isso é criar o espaço sagrado dentro de nós mesmos a partir do qual podemos abraçar genuinamente o mundo diverso de “todas as nossas relações” com bondade amorosa.

Isso nos leva, como franciscanos, ao ponto crucial de nossa mudança compartilhada - nosso propósito compartilhado e identidade. Façamos uma pausa para relembrar nossos Votos, Regras e Princípios, para discernir suas implicações mais

profundas, e começar a tecer nossas vidas com o tecido da vida. Nos anos 1970 e 80, o irmão Geoffrey da Primeira Ordem (em nome de toda a Sociedade de São Francisco) elaborou uma reflexão útil sobre os Princípios, chamada "O Caminho de São Francisco". A primeira seção sobre as características de nossa vida (humildade, amor, alegria) começa com estas palavras:



Conversão de vida

Francisco renuncia à sua herança, despindo-se perante o Bispo de Assis Giotto di Bondone, - Afresco na igreja superior de São Francisco em Assis, 1305-1306.

O Evangelho nos chama constantemente para a morte do egocentrismo e a ressurreição para uma nova vida. Isto significa uma transformação radical do nosso ser para que doravante o Espírito Santo nos encha e aja através de nós (Fr. Geoffrey, c. 1986).

Com a mesma intenção e espírito, os Princípios da TSSF no Primeiro Dia citam a imagem bíblica de um grão de trigo caindo no chão:

Disse Jesus: Em verdade vos digo que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, permanecerá apenas um único grão; mas se morrer, dará muito fruto. Aqueles que amam sua vida a perderão e aqueles que odeiam sua vida neste mundo a guardarão para a vida eterna. Quem me serve deve seguir-me, e onde eu estiver, aí estará também o meu servo. Quem me serve, o Pai o honrará. (João 12:24-26)

Esses ensinamentos nos convidam a pegar nossas cruzes e seguir a Cristo – a conversão franciscana da vida. Todos nós sabemos disso. Ao ler essas palavras, porém, podemos reconhecê-las, mas ignorá-las, assumindo talvez inconscientemente que isso "não é uma questão urgente para mim, pelo menos não agora", ou que "Vou refletir sobre isso mais tarde, mas preciso avançar com assuntos mais urgentes". É bom rir de nós mesmos agora e uma vez mais; no entanto, isso é muito mais do que um incidente divertido em nosso fluxo de consciência. Pensamentos internos desse tipo apontam diretamente para o nosso egocentrismo, que sempre foi um enganador escorregadio porque o ego tentado é escorregadio, e isso pode tornar o discernimento ainda mais escorregadio e às vezes extremamente contencioso, especialmente em tempos de colonização.

Como tudo discutido aqui, é muito pessoal para todos nós e corta profundamente em nossa vida juntos, incluindo nosso propósito e identidade compartilhados. Por essa razão, o apelo do antigo Arcebispo MacDonald (2020) à nossa Ordem inclui um tempo necessário de "exame espiritual e moral". Assim o descreve:

Um exame sincero e dedicado das maneiras pelas quais o sistema cultural-social colonial dos últimos quatro séculos distorceu e deformou a compreensão e o testemunho cristãos. Isso tem implicações ecológicas, além de uma preocupação com os povos indígenas.

Desnecessário será dizer que o exame espiritual e moral se encontra no coração da nossa fé - e das Formas Franciscanas de Serviço. Os três exemplos a seguir ilustram exatamente esse ponto, e há muitos mais. Primeiro, no início de sua conversão de vida, o próprio São Francisco, recentemente engajado no serviço militar, remove suas roupas ricas na praça da cidade de Assis para fazer uma declaração pública sobre seu ponto de virada espiritual. Muito mais tarde, ele leva essa declaração a um patamar diferente, a nível politicamente carregado, buscando relações de reconciliação com o mundo muçulmano. Segundo, muitos de nós na Província das Américas nos lembraremos do início da década de 1990 quando a igreja teve algumas discussões difíceis sobre a 'Doutrina da Descoberta', quinhentos anos depois de Colombo. Nosso auto-exame incluiu a necessidade de arrependimento e posterior descolonização. Terceiro, de uma forma diferente, mas numa veia surpreendentemente relacionada, na segunda metade do século passado, partes do mundo cristão rejeitaram algumas interpretações do pecado e do "pecado original" por causa do impacto espiritualmente paralisante, que às vezes pode ter imposto vergonha e humilhação. A implicação foi (e é) não que devemos desconsiderar 'a morte do egocentrismo' ou o 'grão de trigo caindo no chão', mas que a ideia de pecado pode facilmente se tornar uma ferramenta de propaganda distorcida da alma nas mãos de uma cultura colonizadora e, às vezes, de uma igreja colonizadora.

Todos esses momentos em nossa vida juntos ilustram diferentes formas que a descolonização pode levar para a conversão da vida. Juntos, eles nos mostram o quanto precisamos aprofundar nossa compreensão da Regra e dos Princípios – para que o Espírito possa nos ajudar a tecer nossas almas, mentes e corpos dentro do Corpo de Cristo e no tecido sagrado da vida que é um grande Corpo de Vida. Estamos vivendo no exílio, quando o que precisamos é de um regresso à casa - em breve. Às vezes, no Ocidente, uma suposição enganosa, mas popular, é que para receber experiências místicas de Deus devemos ‘sair de nossos corpos’. Na prática, o processo é geralmente o oposto, enquanto o caminho parece tortuoso. O caminho da união com Deus é através de um processo de reconciliação curativa que traz nossas mentes, almas e corpos a um relacionamento com o amor de Deus, o Corpo de Cristo, e com o sagrado Corpo da Vida.

Retornando à Santa Eucaristia como São Francisco sempre encorajou, podemos descobrir que a visão ecológica dos povos indígenas tem muito a nos ensinar sobre a vida - se pudermos nos desembrulhar o suficiente de nossas bagagem colonizadoras para lembrar novamente profundamente na alma.

Cerca de trinta anos atrás, um conhecido xamã Kayapó do Brasil, que eu já conhecia, viajou para a cidade de Nova York para uma reunião das Nações Unidas sobre cultura e biodiversidade. No fim de semana seguinte, visitou a Catedral de São João, o Divino, onde trabalhei, para o culto dominical. No final do dia, quando lhe perguntei em particular como foi sua experiência durante a Santa Eucaristia, assim disse:

Quando o padre levanta a hóstia e a quebra, é quando a Porta se abre... e minha alma viaja através dela para a Árvore.



Por que devemos aprofundar nossa vida de oração:

Uma visão da ecologia sagrada

Acho que a maioria dos franciscanos percebe que a atual pandemia é uma manifestação de nossa maior emergência ecológica e climática. Os ecossistemas da Terra formam um complexo inteiro. Quando nós - pessoas - destruímos a vida selvagem, florestas, partes ou ecossistemas inteiros em uma parte do mundo, o impacto pode ser sentido em todo o mundo. Podemos não notar isso no início, mas a Mãe Terra sim. O tecido entrelaçado da vida é parte de sua natureza sagrada, e nós fazemos parte disso. Essas não seriam declarações surpreendentes para Alexander von Humboldt nos anos 1700, quando ele escreveu pela primeira vez sobre a “teia da vida” entrelaçada, nem será surpreendente para as pessoas de qualquer parte do mundo que conheceram a mão dura da exploração colonial.

A emergência atual é uma consequência do colonialismo, e simplesmente não é verdade que vivemos em uma era pós-colonial. A maneira como a ganância nos administra politicamente, banca economicamente e racionaliza suas ações, mudou ao longo dos séculos, enquanto a criação de Deus se tornou mais mercantilizada e parecida com uma coisa em nossas mentes. Nos tornamos mais distantes do chamado ‘isso’, apesar do fato de que podemos nos ver sob uma luz mais favorável e elevada. O que precisamos fazer agora, se estamos dispostos, é colocar toda a nossa vida em oração, e então com a ajuda de Deus, transformar a forma como vivemos. Nossa oração, estudo e trabalho estão entrelaçados, mas a primazia da oração estava na mente de São Francisco quando escreveu a Santo Antônio de Pádua: *Tenho prazer que agora você está ensinando teologia sagrada para nossos irmãos, acrescentando uma coisa: como diz em nossa Regra, por favor, cuide para que você não reprima o espírito de oração e devoção neles enquanto realizam estudos desse tipo (Sweeney 2018:84)*. A Primeira Regra também diz o mesmo sobre a Oração em relação ao Trabalho.

Mais recentemente, Thomas Merton escreveu na mesma linha sobre preencher a lacuna entre contemplação e ação, mas as questões profundas não têm essencialmente mudado. Isso nos obriga a ir mais fundo dentro da alma em nossa vida de oração, não mais separando a oração da ação ou dando prioridade à ação sobre a oração. Um caminho testado pelo tempo é fortalecer nossa capacidade de discernimento e ação efetiva no fogo espiritual do silêncio interior – o resultado será amor, humildade, alegria e a recuperação de uma capacidade mais profunda de ouvir.



Oração em ação é amor, amor em ação é serviço

Madre Teresa

Discernimento e a Oração do Coração

Voltarei ao meu senso de urgência sobre isso - e o colonialismo - em um outro momento. Para colocar as primeiras coisas em primeiro lugar, de acordo com as raízes penitenciais de nossa Ordem, é aconselhável ir diretamente à ‘Oração do Coração’ ou à ‘Oração de Jesus’:

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim pecador.

A Oração do Coração é uma oração de arrependimento que nos leva ao Portão Celestial, a Porta que Jesus se proclamou ser. Escritos espirituais tradicionais no *Philokalia* explicam que o arrependimento e o perdão juntamente com as virtudes espirituais tornam possível nossa passagem pelo Portão. Para considerar onde a Oração do Coração realmente nos leva, pense em São Francisco em relação com ao Irmão Sol, à Irmã Lua e ao amigo Lobo de Gubbio.

Essa não é simplesmente uma questão de ficar quieto, como se fosse um freio à nossa liberdade de autoexpressão. O propósito da Oração de Jesus não é cimentar sentimentos de vergonha ou humilhação dentro do nosso senso de ego ou self. O desafio é nos libertarmos de nosso interno incessante, quase hipnótico diálogo - nossa conversa aparentemente interminável conosco mesmos. Se o conteúdo do nosso diálogo interno está “certo” ou “errado” sobre qualquer coisa (ou tudo), ainda cimenta o controle do mundo sobre nossas vidas.

Sente-se em uma cadeira confortável ou deite-se de costas no chão – o que for mais confortável. Respire profundamente, o melhor que puder, sem prender a

respiração. Você deve ter notado antes o quanto habitualmente prendemos a respiração, provavelmente uma expressão inconsciente de ansiedade e medo. Então diga a oração calmamente, repetidamente, por dez, vinte, trinta minutos, até uma hora. As palavras exatas da oração podem ser alteradas por vários motivos; e lembre-se sempre que nossas orações não são encantamentos mágicos. O diálogo interior diminui gradualmente e para, enquanto estamos totalmente acordados. É quando nos tornamos especialmente abertos ao Espírito.

Rezando a Oração de Jesus com fé e dedicação, logo percebemos que podemos viver em sua clareza a maior parte do dia, todos os dias. Torna-se possível estar ‘no mundo, mas não ser do mundo’. Nossa atenção é surpreendentemente menos confusa, enquanto estamos livres para verdadeiramente ouvir e comunicar com mais capacidade de vigilância e discernimento. Mais uma vez, pense no irmão Sol, na irmã Lua e no amigo lobo de Gubbio. Imagine vizinhos e estranhos. Pense no tecido da vida se perguntando quem somos, quem temos nos tornamos, e por que começamos a nos distanciar de nossa única e comum casa tantas gerações atrás.

Na *Philokalia*, São Gregório do Sinai (1979) identifica cinco virtudes principais em relação à a Oração de Jesus: *silêncio, abstinência, vigilância, humildade e paciência*. Ele escreve, "Nada é melhor para tornar o coração penitente e a alma humilde do que a sábia solidão e o silêncio completo. Nada tem maior poder de perturbar o estado do silêncio, e de privá-lo da ajuda de Deus, do que as seguintes paixões principais: *presunção, gula, loquacidade e vãs preocupações, arrogância e a dona de todas as paixões – autoestima*" (o grifo é meu).

Através do silêncio interior, nosso relacionamento rompido com o tecido da vida pode ser curado. Recentemente, Maggie Ross, uma solitária anglicana que vive na Inglaterra, trouxe esta antiga tradição e suas implicações à luz do dia. Conheci a Sra. Ross trinta anos atrás, quando eu estava no seminário. Quando retomamos nossas conversas recentemente, ela me deixou conhecer seus escritos nesse sentido. Vou citar um pouco de Ross (2014: 222-224):

A pessoa que tenta viver do silêncio é tanto ‘liberal’ quanto ‘conservadora’: Liberal, porque ele ou ela está ciente por dentro (em oposição a se curvar a uma regra imposta de fora) da importância de abordar os outros com uma ampla e generosa inclusão; conservadora, porque dentro dessa inclusão tal pessoa deseja conservar a plenitude do que significa ser humano, junto com o mundo natural no qual a humanidade surgiu, sem a qual a humanidade perecerá...

Há mais, porém: o trabalho do silêncio dá um amplo e generoso respeito por todas as formas de vida. Esse respeito vai muito além de um reconhecimento meramente científico da necessidade de biodiversidade; ou a descoberta de que nossas percepções anteriores de outras criaturas autônomas com penas, com pelos ou com bartanas é o produto de nossa arrogância. A obra do silêncio permite que nos envolvamos com o mundo ao nosso redor de maneiras muito além da capacidade de medir da ciência atual. Esse engajamento não é uma via de mão única de observações; é uma verdadeiro

engajamento, recebendo o que o mundo natural deseja nos dizer, bem como permitindo que o mundo natural descubra quem somos.

Cura, Escuta e Adaptação

As implicações ecológicas, econômicas, políticas, morais e espirituais do silêncio interior devem ser evidentes e promissoras. O que pode não ser tão óbvio é o profundo limiar em que nos encontramos neste exato momento. Não posso deixar de pensar em Paulo Freire, o teólogo da libertação brasileiro, que dedicou tanto tempo e energia à alfabetização. Aprender a ler a partir de seu ponto de vista envolve toda a cultura, todo o contexto econômico e político da ‘leitura-’ tudo sobre isso – que exige discernimento. A alfabetização pode ser uma ferramenta de exploração colonial, ou pode se tornar um importante instrumento a serviço da libertação. Estamos basicamente vivendo dentro desse limite hoje. As circunstâncias da vida nos fazem sentir vulneráveis. Nossa resposta à disrupção - especialmente agora com a pandemia - tem sido em grande parte contar com meios tecnológicos, principalmente o mundo digital, para manter relacionamentos com familiares e amigos, trabalho e comércio, governos e outros laços sociais básicos, incluindo trabalho pastoral e todo o ministério da igreja.

As oportunidades que esta ferramenta oferece são obviamente enormes, às vezes salvam vidas, mas também trazem tentações e perigos. Para ser franco, o motivo da pandemia é o fato de que, de uma forma ou de outra, desvendamos ecossistemas. Nossa principal resposta adaptativa foi recriar o “corpo social” a um passo da interação real incorporada. Esta não é uma crítica à Internet ou ao uso que fazemos dela. Ao contrário, é uma tentativa de discernir o que estamos realmente fazendo, espiritual e ecologicamente. Estamos nos adaptando aprendendo a interagir socialmente de uma nova maneira, um passo ou dois ou três afastados de uma vida mais plenamente incorporada que espelha a Encarnação de Deus em Jesus Cristo?

A medida em que aprendemos a usar a Internet com sabedoria determinará muito sobre se vamos encontrar nossa casa comum novamente no tecido da vida, ou deixarmos colonizar de uma nova maneira com consequências desastrosas. Nossa primeira prioridade deve ser curar nosso relacionamento doentio com Deus e a criação de Deus, e as tentações que enfrentamos são uma legião. Lembro-me de quase trinta anos atrás, quando alguns colegas e eu notamos a estranha semelhança linguística (a aliteração) entre ‘a teia da vida’, como Humboldt colocou originalmente, e “a rede mundial”.¹ Essas conversas também lembram a obra de Teilhard de Chardin, o filósofo e teólogo jesuíta que algumas gerações atrás percebeu que a humanidade estava criando uma nova camada humana da biosfera caracterizada pela “racionalidade” como ele a entendia. A rede mundial é a última manifestação mais popular dessa nova camada. Nossa esperança era que poderíamos e aprenderíamos a usar a Internet de maneiras que

¹ Em inglês, the web of life, a teia da vida e the worldwide web, a rede mundial.

criariam uma consciência genuinamente espiritual e uma ação, globalmente. Com efeito, a esperança era que se tornasse um veículo do Espírito.

Não há dúvida em minha mente de que o Espírito está lá. Onde, afinal, nós dizemos que o Espírito não está? Estudos mostraram, no entanto, que enquanto as versões do mundo social construído com esta ferramenta podem ser efetivamente organizadas para realizar objetivos, elas são muito “estreitas” para dar frutos espirituais duradouros. Dito de outra forma, a Internet deve e pode ser uma ferramenta poderosa quando usada com profundo discernimento. O que queremos evitar é a tentação de ir para onde estamos indo - deixar a ferramenta liderar-nos em um mundo substituto que substitui a vida social face a face, estranhamente, com representações dele (Thompson 1991).



Um pastor Maasai verifica seu telefone celular no sul do Quênia

Foto: Sven Torfifinn

Isso deve estar no topo de nossa lista de prioridades como franciscanos, especialmente durante um tempo de perturbação ecológica e agitação global. A prática do silêncio interior através da Oração do Coração, a Oração de Jesus, oferece uma maneira tradicional, mas radical, de encontrar o terreno espiritual de humildade e simplicidade em nossas vidas contemplativas.

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim pecador.

Esta oração pode abrir a porta - a Porta - para um caminho fiel através do presente de trevas. Através do silêncio interior, podemos começar a recuperar nossa humanidade perdida trazendo contemplação e ação de volta juntas. Ainda mais, podemos recuperar o discernimento necessário para resistir, com a ajuda de Deus, à tentação das pressões colonizadoras e curar nosso relacionamento rompido com o tecido sagrado da vida.

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim pecador.



São Francisco em Meditação

Caravaggio, (c. 1604/06 ou 1607/10), Museo Civico, Cremona

Reflexões franciscanas sobre o significado de “estudo”

Uma perspectiva desgraçada

Muitas pessoas que conheço, inclusive eu, nem sempre estão ansiosas para falar sobre todas as emergências de hoje: a pandemia e a saúde humana, o clima, a ecologia, a economia, direitos humanos, justiça racial, comida e água. Elas estão todas inter-relacionadas; e em um nível de alma é tão perturbador que precisamos limpar nossas cabeças de vez em quando para que possamos nos reorientar. Já tendo desistido da televisão anos atrás, agora estou em uma dieta de notícias que inclui ainda menos rádio pública independente. E tendo trabalhado muitos anos para a igreja na ONU e ocasionalmente para a ONU, eu conheço os problemas. Muitas vezes eu digo a mim mesmo que não temos tempo apenas para falar ou estudar os problemas. Devemos agir e agir agora, o que é verdade. A alma franciscana em mim, no entanto, diz que tudo depende do que acredito que 'falar', 'orar', 'estudar', 'agir' e 'trabalhar' realmente significam.

Aqui o foco está no Estudo, o segundo dos nossos Caminhos Franciscanos de Serviço. Meu propósito é discernir o que o “Estudo” envolve do ponto de vista franciscano, levando em conta o próprio São Francisco. Primeiro, porém, vamos pensar no quadro maior. O derradeiro propósito de nossa Regra e nossos Princípios é aprofundar nosso relacionamento com Deus e a criação. O mesmo pode ser dito para todas as três formas de Serviço: Oração, Estudo e Trabalho.

E o mesmo propósito é encontrado nos três fundamentos da tradição anglicana: Fé, Razão e Tradição. Na prática, todos esses são fios essenciais para tecer nossas vidas juntos, interior e exteriormente, para que possamos encontrar nossas vidas como parte de um todo maior. *Esses fios devem ser inseparáveis, todos entrelaçados em um tecido da vida que inclui nossos corpos, almas, mentes, famílias, comunidades, religiões, nações, ecossistemas, e toda a biosfera.*

Nosso desafio espiritual urgente agora é discernir até que ponto nossa *real tecelagem* desses fios nos conecta dentro do tecido sagrado da vida. Somos realmente tecelões, ou temos essa autoimagem, enquanto nos deixamos tornar aparentemente espectadores inocentes? Devemos fazer perguntas como essa não apenas sobre nós mesmos, mas também sobre o mundo do qual fazemos parte. Algo deve estar errado em algum lugar ou não estaríamos enfrentando uma emergência ecológica/climática, injustiça econômica, preconceito racial e ruptura política.

Entrar nesta profundidade de discernimento depende de fazermos algumas perguntas: *O que em nossas vidas é moralmente certo e errado? O que é real e ilusão ou desilusão?* O discernimento desse tipo às vezes nos leva a um território espiritual necessário, mas indesejado. Por exemplo, todos nós provavelmente nos vemos como pessoas razoáveis. Em uma escala grande, porém, até mesmo global, a Razão - talvez a contrapartida do Estudo - é muitas vezes manipulada na fabricação de versões distorcidas do “razoável” para fins políticos e ganho financeiro. Essa estratégia colonizadora se intensificou em grande parte do mundo. Sem resistência substancial, a injustiça racial e de gênero, o tráfico humano e a destruição ecológica se tornarão ainda mais intensos. As consequências são horríveis. De diversos modos, todo o processo colonizador de exploração perturba e deforma nosso processo de pensamento mais do que imaginamos. E isso afeta nossa compreensão e prática de Fé e Tradição, assim como faz com a nossa Oração, nosso Estudo e nosso Trabalho.

Há muitas maneiras pelas quais nossos pensamentos e ações aparentemente razoáveis podem tornar-se irracionais e imorais. Deixando de lado as interrupções recentes, uma tendência do mundo ocidental tem sido desmontar as coisas em vez de preservar a integridade do todo. Isso é racionalizado por uma atitude de isenção e direito moral, juntamente com a exploração econômica que impulsiona grande parte da cultura corporativa. Dentro do processo de imposição de uma ordem mundial dominante, baseada supostamente em uma "razoável exploração" e às vezes racionalizada por versões da teologia cristã que ocasionalmente incluíram franciscanos.

Mais uma vez, nossa tarefa é discernir até que ponto nós, franciscanos, estamos ajudando a tecer o tecido da vida de maneiras vivificantes? Uma grande tentação é culpar os outros sem assumir responsabilidade suficiente por nossas próprias ações. Todos nós sabemos que as tentações do egocentrismo e do ego nos atraem para suas garras. Nosso desafio mais profundo é com a ajuda do Espírito libertar nosso discernimento da tentação, para que nosso estudo (e todos os fundamentos de nossas vidas espirituais) possa expressar genuinamente a vontade de Deus e o carisma da nossa Ordem.

São Francisco e os desgraçados

Com isso em mente, vamos voltar nossa atenção para uma controvérsia inicial na Ordem Franciscana, que foi trazida à tona pelo próprio São Francisco em sua *Carta a todos os frades*:

Deus Todo-Poderoso, Eterno, Justo e Misericordioso, dai-nos a nós desgraçados a vossa graça para fazermos por vós o que sabemos que vós quereis de nós, e sempre fazer o que é agradável para vós.

Essa citação vem de Jon Sweeny, *Francisco de Assis, Os Escritos Essenciais: Em suas Próprias Palavras (2018:97)*. Seria fácil e imprudente ignorar a palavra “desgraçados”. São Francisco escrevia a toda a Ordem, como deixa claro o título da carta; e se você ler a carta inteira, fica facilmente evidente que ele estava descontente. Muito de sua intenção refere-se à aparente frouxidão na observância da Regra pela Ordem, incluindo aquelas partes relacionadas com a Pobreza. Também é evidente que São Francisco usa a palavra 'desgraçados' de um modo inclusivo, discreto, referindo-se também a si mesmo. É perfeitamente possível que algum humor também está envolvido. Dado o propósito da carta e a profundidade espiritual de Francisco, parece provável que ele estivesse sendo profundamente sério, engraçado e amoroso ao mesmo tempo - de uma maneira que sugere a presença do Espírito.

Antes de avançar, precisamos considerar cuidadosamente para onde estamos indo com isso para evitar a mesma armadilha sobre a qual Francisco advertia os frades. Meu propósito, na verdade, não ‘é estudar’ sua carta didaticamente como um ‘texto’ sob exame, o que iria contradizer tudo o que acredito que Francisco estava dizendo. Em vez disso, precisamos entrar em seu propósito e espírito, acreditando que São Francisco estava escrevendo não apenas para a Ordem naquela época, mas também para nós agora. Digo isso não por causa de quaisquer controvérsias em torno da observância da Regra então ou agora ou por causa das emergências que enfrentamos hoje, embora as consequências sejam bastante óbvias em ambos os casos.

O que Francisco estava mirando é mais profundo. Ele estava escrevendo daquele lugar dentro e fora onde o Espírito é revelado, e ele estava nos pedindo para nos juntarmos a ele lá. Naquele momento em que a natureza do ‘mundo’ também é revelada, a experiência pode estar no muito menos inquietante. Tanto a luz quanto a escuridão se aproximam em nossa consciência, revelando um eclipse da alma e um alegre despertar brusco.

Uma Visão Franciscana do Estudo

Este caminho nos obriga a discernir melhor o significado e a prática de palavras como ‘Estudo’.

Voltarei novamente a Sweeney (2018: 4), que resume as opiniões de São Francisco sobre isso:

... Francisco não era um homem de muitas palavras. Ele não era um santo erudito como Agostinho ou Tomás de Aquino. Ele nunca foi um santo orador famoso como João Crisóstomo. Na verdade, é impossível imaginar Francisco sentado em uma biblioteca ou com uma caneta na mão. Francisco nem era o que se poderia chamar de curioso intelectual, como os santos Inácio de Loyola e Teresa de Ávila, que escreveram muito, estudaram e ponderaram ideias, e como resultado de seus escritos nos deixaram muitos detalhes biográficos sobre suas vidas. Alguns até acusaram Francisco de ser anti-intelectual, e por boas razões: ele muitas vezes advertiu seus irmãos contra a posse de livros e leitura excessiva. Ele aconselhava seus irmãos de novo e de novo para estudar apenas se eles pudessem fazê-lo sem arruinar suas vidas espirituais. E mesmo assim ele escreveu.

Seguindo Sweeney (e outros), meu propósito não é nem remotamente diminuir as contribuições e a integridade espiritual dos grandes franciscanos eruditos. Minha formação profissional como antropólogo cultural é voltada para a escrita e a análise de textos de vários tipos. O cerne da questão é sempre encontrado não apenas na escrita de textos que podemos ler, escrever ou ponderar, mas também naqueles muitos outros “textos” mentais e culturais muitas vezes invisíveis que gravamos constantemente em todas as partes de nossas vidas: através de nossa educação, filiações políticas, televisão, jornais, internet, mídias sociais e de notícias, conversas cotidianas, discursos e orações, e especialmente em nossa conversa interna quase incessante conosco mesmos. Todos esses textos entram no “mundos” que criamos.

Aqui está um exemplo pessoal do que quero dizer. É tão básico que poderia ter sido fácil de descartar ou ignorar, desgraçado que eu sou. Durante a maior parte da minha vida adulta eu tentei de diferentes maneiras tecer a Oração, o Estudo e o Trabalho. Mesmo assim, isso é o que aconteceu comigo alguns anos atrás naquele estado de transição entre o sonho e a vigília, quando nosso eu desperto se torna um participante do sonho. Eu ouvi uma voz do sonho dizer, *você sabe onde você mora?* Eu me ouço responder, em parte no sonho, parcialmente acordado, *Bee Hive Road*, que é meu endereço residencial. Então a outra voz responde de uma forma sem sentido, *eu sei como te encontrar... estou perguntando se você sabe onde você mora?*

Qualquer que seja a fonte disso naquela manhã, foi literalmente um brusco despertar no sentido espiritual. Eu ri depois que aconteceu. suponho que eu tenho muito orgulho de saber onde moro, trabalhando com agricultores, civis e grupos governamentais, grupos inter-religiosos e inter-raciais e muitos outros em várias questões. Isso é o que eu faço – é o meu trabalho. Então, quando a pergunta é feita em um sonho - *você sabe onde você mora?* – a resposta que dei foi a versão oficial que eu

daria quando solicitado pelo Serviço da Receita Interna ou por um guarda de trânsito. Não estava errado, e parece uma coisa simples, mas não é realmente. Imediatamente pensei em Gênesis, bem no início, onde o texto diz que nosso trabalho é cuidar do lugar onde moramos. Deus está nos dando algo como o prelúdio primordial, prólogo e pré-condição sobre o qual todos os mandamentos posteriores são baseados. Na verdade, porém, desgraçado que sou, quando a voz do sonho fez essa pergunta primordial sobre mim, minha mente se voltou para a minha carteira de motorista, formulários de impostos, de propriedade e outros textos políticos e financeiros muito mundanos. Esse é o 'mundo' em você e em mim - os 'principados e poderes'. Esse 'mundo' tem pouca relação sensorial, vivida ou orante com o tecido sagrado do nosso planeta vivo, povos indígenas, ecojustiça, justiça racial e de gênero, Irmão Sol, Irmã Lua, o Lobo de Gubbio, ou Francisco e Clara.

Algumas semanas depois, comecei a incorporar essa visão em meu trabalho global em alguns encontros ambientais episcopais e anglicanos em vários continentes. Às vezes eu pedia que os mapas de suas regiões fossem colocados na parede. Quando perguntava aos participantes do encontro “onde eles vivem” no mapa e que identificassem as principais características ecológicas que eles compartilhavam em comum, eles podiam fazer isso facilmente quando os mapas incluíam país, estado, ou limites governamentais locais, juntamente com estradas principais. Eles tinham muito mais dificuldade em localizar “onde moram” em mapas topográficos que incluíam apenas características geográficas como rios, montanhas e florestas, sem nenhuma fronteira ou estrada.

O que tudo isso nos diz sobre o propósito do Estudo para Franciscanos? Pense em mapas. Os mapas são textos visuais, e tomar consciência de como os criamos, lemos e usamos é um passo em direção às formas mais profundas de discernimento de que precisamos. Nesse sentido esses mapas podem servir como uma espécie de porta para discernir o quanto nossos mundos culturais nos moldam – representações humanas que aprendemos e depois impomos ao tecido vivo real da vida. Como disse certa vez Alfred Korzybski (1994), o grande semanticista geral, *o não mapa é o território*. Com efeito, séculos atrás, São Francisco estava implicitamente nos alertando sobre os perigos de confundir os dois. Do ponto de vista espiritual podemos nos perder ao “ler” até mesmo os melhores, mais belos e precisos mapas. Deixe-me explicar isso. Eu sei por experiência própria que os povos indígenas que nunca viram ‘nossos mapas’ de ‘suas terras’, e não saberiam como ‘ler’ esses mapas, ainda sabem imensamente mais, em primeira mão e intimamente sobre suas terras do que nós e nossos cartógrafos jamais sonharíamos em conhecer.

Os textos que são imediatamente aparentes em nosso discernimento orante são aqueles que produzimos constantemente em nossas próprias cabeças. Em última análise, o propósito do Estudo é nos ajudar a discernir a diferença entre os mapas em nossas cabeças e os lugares reais onde vivemos para que possamos aprender a ser bons vizinhos dentro do tecido vivo e sagrado da vida. Isto é onde a oração, sobretudo através do silêncio interior, nos prepara para o estudo e o trabalho. Isto nos ajuda a nos libertar dos véus, da armadura do ego, que absorvemos ao dominar textos culturais,

envolvendo-os em torno de nós mesmos e uns dos outros. Esse embrulho definitivamente não é o tipo de tecelagem que Deus quer que façamos. O que precisamos é nos desembrulhar desses textos para que possamos liberar nossa atenção e tecer verdadeiramente novamente, aprendendo primeiro a ouvir, até mesmo a nós mesmos, e testemunhar o mundo como ele realmente é. Um brusco despertar pode ser, no início, rapidamente seguido por uma alegria que excede todo o entendimento.

Ao longo do caminho, encontraremos feridas em nós mesmos, nossos vizinhos, amigos e estranhos e na terra verde de Deus, que precisam ser curados. Deus sabe como encontrar-nos. A questão é se sabemos como encontrar Deus – e o lar. Nossos ensinamentos dizem que podemos saber lembrando de uma forma profunda e comovente. A suposição primordial por trás desses ensinamentos é que devemos aprender a conhecer onde vivemos. *Nós conhecemos? Estamos dispostos a aprender?* Se enterrarmos esse conhecimento ou deixá-lo permanecer enterrado, então estamos com o problema mais profundo dos desgraçados. É hora de alguma cura e ressurreição.



'Reconstroe minha igreja', tecendo nossa vida juntos

Reflexões sobre o serviço do trabalho

... porque vocês colhem o que plantam ... Portanto, não nos cansemos de fazer o que é certo, pois nós colheremos na época da colheita, se não desistirmos. (Gálatas 6:7-9)

Nestas poucas palavras - *pois você colhe o que planta* - São Paulo afirma claramente um dos ensinamentos mais básicos, práticos e profundamente morais da vida. Diferentes culturas encontram muitas diferentes formas de causa e efeito em suas vidas e as explicam de diversas maneiras. Nós, porém, todos as reconhecem em nós mesmos, nos outros e no tecido mais amplo da vida. E como história tragicamente demonstra, o princípio básico é fácil de ignorar, racionalizar fora de nossa consciência ou distorcer grosseiramente por qualquer motivo - e sofremos as consequências. É uma forma de amnésia espiritual que acontece quando nos tornamos o centro de nossos próprios mundos. É assim que nos perdemos no caminho de Cristo e perdemos de vista o seu ensinamento: *meu jugo é suave, meu fardo é leve (Mateus 11:30)*.

Paulo imediatamente nos encoraja: *não nos cansemos de fazer o que é certo, pois colheremos na época da colheita se não desistirmos*. O perigo ecológico, econômico e político contínuo definitivamente não é motivo para nos resignarmos ao modo como as coisas são, ou desistir ou ceder. Como Franciscanos devemos rezar profundamente, estudar com discernimento e trabalhar de maneiras novas e antigas, incluindo algumas que podemos ter conhecido mas esquecido.

Das três reflexões sobre nossas Formas de Serviço, esta é a mais desafiadora. A primeira e principal razão surge da verdade sobre a criação de Deus na terra - é o tecido vivo e sagrado da vida. Não é separado ou exterior a nós - como o significado da palavra ocidental “meio ambiente” sugere implicitamente. Pelo contrário, nossas vidas são parte e estão entrelaçadas com o tecido da vida, e nosso papel principal, conforme definido no “começo” primordial “écuidar”. Em nossa consciência moderna, o tecido sagrado tornou-se objeto, explorado, mercantilizado, e nós também. Se as tendências presentes continuarem sem intervenção séria e imediata, o tecido pode ser aquecido e rasgado tanto que inúmeras outras espécies serão extintas, habitats destruídos e a possibilidade de vida para a maioria da humanidade pode ser ameaçada. Deveria ser óbvio que temos muito Trabalho a fazer e uma jornada sagrada a fazer; com efeito, uma santa peregrinação também no sentido primordial. A peregrinação é de onde estamos agora para um relacionamento sustentável, resiliente e respeitoso com a criação de Deus. Esta peregrinação, em algumas maneiras como cruzar o proverbial Mar Vermelho, já começou e alguns poderosas forças mundanas - principalmente econômicas e políticas - estão tentando impedir nossa passagem. A Terra Prometida não está apenas “lá fora” esperando nossa chegada; e todos, toda a humanidade, deve fazer a passagem. Precisamos de inspiração e orientação de Jesus, Moisés, Elias e todos os profetas para se juntar a Buda, Maomé, Confúcio, sábios védicos, videntes e xamãs indígenas para nos ajudar a nos reunir aqui e agora para que possamos incorporar nossa vida genuína juntos. Eles nos lembrariam que chegar ao nosso destino significa que devemos encontrá-lo dentro de nós mesmos e vivê-lo um um passo de cada vez.

Como franciscanos, nosso modo de “encontrar isso em nós mesmos” é o Caminho de Cristo como exemplificado pelas vidas de Francisco e Clara, consagradas em nossa Regra e Princípios. E aqui neste exato momento estamos refletindo sobre o Serviço de Trabalho, que é uma maneira oportuna de avançar. Todos sabemos que o significado franciscano de 'Trabalho' não reflete pressupostos econômicos e políticos amplamente compartilhados relacionados com “emprego” e “dinheiro”. Nos primórdios de nossa Ordem, os franciscanos davam declarações semelhantes com *muita ênfase*, e temos feito a maior parte do mesmo modo ao longo dos séculos. Uma terrível exceção foi a cumplicidade franciscana na colonização e genocídio dos povos indígenas e na propaganda da racionalizações para isso. Parte do nosso trabalho agora é buscar reconciliação e reparações por esse trágico crime, o que é necessário se queremos criar um ambiente respeitoso, um mundo justo e ecologicamente sustentável. Para conseguir isso, todos nós precisamos estar mais familiarizados com o funcionamento e as críticas ao sistema de uma economia corporativa globalizada (uma forma moderna de colonização pós-colonial) e resistir à sua força onde e sempre que possível. Prosseguir

com nossa Obra Franciscana sem levar em contas tudo isso é ignorar uma força cada vez mais dominante em nossa vida juntos.

Ao fazer esta peregrinação, nossa atenção precisa estar firmemente alicerçada na fundação da nossa Ordem. Começamos como Ordem Penitencial para a *conversão da vida*, e estamos vivendo em um tempo que precisa de penitência e transformação. Voltando-nos para o assunto diante de nós agora, o coração do nosso trabalho é tão óbvio que é fácil ignorar, que é exatamente o que os principados e potestades do mundo gostariam que nós fizéssemos. Os significados centrais da Obra Franciscana emergem em nossa consciência de que não são separados da Oração e do Estudo - ou de nossa Regra e Princípios - mas de sua unidade entrelaçada. Isso requer tecer os três juntos conscientemente em um mundo que nos predispõe a dissecar e separar, dividindo uma parte da experiência em outra para fins de interesse próprio. Membros de nossa Ordem tomaram para si enfrentar esse desafio tecendo a Regra com os Princípios e trazendo esses entendimentos para a vida cotidiana. Ao fazê-lo, todos percebemos que nossas mentes, intelecto e a razão não podem fazer isso sozinhos. É necessária uma profundidade de trabalho da alma que pode ser novo ou desconhecido, seguido de colocar tudo em prática durante um período de profunda mudança e ruptura. Isso significa colocar-nos nas mãos de Deus para que possamos colocar nossos corações, mentes e corpos em um bom uso.

Reconstrução e tecelagem

Segundo a história franciscana, tudo começou para Francisco e Clara com a reconstrução de uma igreja. A vida de Francisco foi virada do avesso. Podemos apenas imaginar como era o trabalho de sua alma, mas deve ter incluído encontrar um caminho através da confusão sombria que os poderes mundanos envolvem todos os nossos corações e mentes. Uma pedra removida, outra colocada, depois outra e outra. Passar tempo com e cuidar dos excluídos. Tirar suas roupas ricas na praça da cidade de Assis. Uma história contada, uma música cantada, encontros com estranhos e amigos que se tornaram amigos uns dos outros, depois outro e outro. Uma viagem feita a Roma, e depois ao Oriente Médio para visitar o sultão al-Kamil. O Espírito nos tece como fios no tecido da vida quando nos desembrulhamos o suficiente do mundo para ouvir o chamado.

Foi profundamente pessoal para eles, como é para nós hoje. Como a palavra "reconstruir" é fácil interpretar 'tecelagem' muito literalmente, o que significa que não estamos levando isso a fundo ou a sério o suficiente. Ser literal demais muitas vezes petrifica o significado das palavras, cercando com propósitos para os quais não se destinavam. Pense em 'tecelagem' e o 'tecido da vida'. Já estamos tecendo nossas vidas, para melhor ou para pior, porque somos parte do tecido sagrado. O Espírito Santo está nos pedindo para nos unirmos a ela na tecelagem do trabalho criativo de Deus, em vez de tecer teias de auto-importância em torno de nós mesmos.

A questão é se responderemos como verdadeiros peregrinos. Como o uso de São Paulo das palavras "semeadura e colheita", "tecelagem" surge de uma percepção universal sobre a vida que é antiga. O coração dele tem raízes nas vidas e culturas dos povos indígenas. Como o princípio da tecelagem é vivido, ao invés de objetivado em nossas mentes, Oren Lyons (1999:450) - Fiel do Clã Tartaruga, Onondaga Conselho dos Chefes, Haudenosaunee - descreve este tradicional ensinamento de forma muito simples. Com os Lakota como exemplo, o chefe Lyons explica que todo o tecido da vida significa "todas as minhas relações". As palavras dele e dos outros evocam viver sagrados relacionamentos, baseados na sabedoria de que uma vida humana exige que vivamos com respeito, com alma e atenção - individualmente e em conjunto. O trabalho de tecelões hábeis ressoa com o tecido vivo da vida que ouve seu eco como a voz da amizade. Da mesma forma, os videntes indígenas muitas vezes percebem o tecido da vida como filamentos entrelaçados de luz espiritual que são sinais do Espírito de Deus tecendo a criação aqui e agora. Santos e místicos em muitas tradições religiosas experimentaram isso como a "luz viva" e a "voz da luz viva".

Na história moderna da Igreja e da sociedade em geral, a tecelagem tem sido um tema frequente em muitas partes diferentes do espectro político. Dietrich Bonhoeffer, opositor dos nazistas, mártir e teólogo escreveu com uma visão semelhante em seu livro *Viver Juntos*, depois de experimentar os fios da vida sendo rasgados.

Teólogos da Libertação como Paulo Freire, que enfatizou a construção comunitária e organizadora, entendia todas essas filosofias espirituais como formas de 'práxis'. O movimento das mulheres, especialmente o ecofeminismo, se baseou na metáfora da tecelagem como forma de empoderamento diante da dominação patriarcal e da exploração. Um jornal protestante amplamente lido do The Upper Room (O Quarto de Cima) chamado *Weavings (Teceragens)* (1986-2017) descreveu sua missão como *a resposta do cristão à obra de tecelagem de Deus junto ao tecido rasgado da vida*.

As vidas de Francisco e Clara são dois dos melhores exemplos de como a tecelagem espiritual pode emergir e transformar nossas vidas de forma criativa. Para eles, envolveu gradualmente desembrulhar-se do mundo e, em seguida, tecer uma visão espiritual renovada e um modo de vida que emergiu em sua consciência. Isso começou com a história de Francisco e a Cruz de São Damião, onde ouviu 'reconstrua a minha igreja'. O trabalho dele ali foi lançar o fundamento penitencial e a visão da Ordem Franciscana. Charlie McCarron TSSF me lembrou recentemente que um amplo movimento de reconstrução de igrejas já estava em andamento antes de Francisco ouvir essas palavras. O que o Espírito fez com Francisco e Clara foi tecer o significado do movimento existente mais profundamente em suas almas e no tecido da vida, o que leva nosso Trabalho a um nível espiritual mais profundo e a um nível mais radical.

As implicações espirituais de "reconstruir minha igreja" foram discutidas muitas vezes antes. Uma razão, é claro, é que isso tem uma relação direta com o significado de "Trabalho" como uma forma de serviço no coração de nossa Ordem. Cowan (2001:59), um moderno biógrafo de hoje em dia de São Francisco, comentou sobre a diligência e determinação que Francisco mostrou na reconstrução física de São Damião. E continua

dizendo que *ele se comprometeu em reconstruir mais do que uma igreja; o que ele queria fazer era renovar todo um jeito de pensar. Para ele, São Damião era um 'omphalos', um centro do mundo que não é diferente de Delfos na Grécia antiga ou Benares na Índia.*

Quando trabalhei na Catedral de São João, o Divino, em Manhattan, entendíamos o significado de 'reconstrua a minha igreja' de maneira semelhante: *Igreja em seu maior significado e seu mistério mais profundo é, em última análise, a criação de Deus no processo de renovação* (Gollither e Logan 1996:96). As pessoas hoje ouvem a palavra "igreja" e muitas vezes pensam em prédios. Claro, os edifícios da igreja são sagrados - como lugares onde vamos lembrar, no sentido profundo da *anamnese*; isto é, lembrar (desembrulhar a nós mesmos espiritualmente) quem é Deus, o que é a Criação de Deus e quem somos. Isto acontece quando levamos em nossos corações as palavras de Jesus na Sagrada Eucaristia, *Fazei isto em memória de mim*. O Corpo de Cristo vive em uma relação sacramental com o grande Corpo da Vida que Deus colocou aos nossos cuidados. 'Reconstruir' é tecer juntos nossos corações humanos, mentes, olhos e mãos com a Santíssima Trindade - o Santo Mistério da própria vida.

Em suas recentes mediações sobre os sete ensinamentos principais de Francisco, Bodo (2018:69) descreve o sexto ensinamento como 'a casa de Deus é toda a Criação' e reflete sobre isso neste caminho: *A meditação adicional convenceu Francisco de que Deus habita em tudo o que Deus criou; portanto, nada é mau em si mesmo, e tudo é digno de reverência e respeito por causa de seu Criador. Além disso, toda criatura é santificada no mistério da presença entre nós em Jesus. Jesus santificou toda a criação tornando-se, embora fosse Deus, um com as criaturas e entre as criaturas, animadas e inanimadas.*

A mensagem subjacente de todos esses comentários é que nossas vidas são continuamente tecidas em um único, extremamente diverso, tecido sagrado de toda a vida que é nossa casa e vida juntos. Em última análise, todas as questões de justiça - racial, social, política, econômica, ou ecológica - são confrontadas e curadas aqui, assim como todos os esforços orantes contemplativos com os poderes mundanos. Por isso a simplicidade é tão importante: cada dimensão da vida é vivida no fluxo da experiência cotidiana, em cada respiro. O Espírito Santo já está tecendo nossas vidas, e a vida está nos pedindo para nos unirmos, ao invés de atrapalhar seu trabalho. Ela está nos pedindo para entender que tudo realmente nos mantém unidos em Deus, e que Cristo é o centro de nossos diversos mundos, ao invés de nós. Quando tomamos nossas cruces e O seguimos com fé, determinação e paciência, a Cruz se transforma em Árvore.

Às vezes parece que, como indivíduos, nossa tecelagem é feita sozinha; mas enfim, estamos sempre tecendo juntos, porque quando estamos realmente tecendo o Espírito nos guia. Este é o caso se estamos tecendo relacionamentos alienados ou quebrados novamente, confrontando preconceito racial em nossas famílias, comunidades ou igrejas, ou curando bacias hidrográficas ou florestas. Artesãos e artistas dizem que a tecelagem real tem pouca relação com a fabricação ou gerenciamento, e o

mesmo pode ser dito de nossa Obra Franciscana - em outras palavras, não se presta à produção em massa.

Pessoas habilidosas e espiritualmente sintonizadas, porém, que trabalham na indústria encontrarão maneiras de fazer seu trabalho no espírito da tecelagem. Sem considerar o lugar ou contexto, o Espírito sabe muito melhor do que nós que a tecelagem pode acontecer em pequenas ou grandes formas. Isso acontece no comum (algo é realmente comum?) conversas, organização comunitária, por meio de cartas escritas a jornais, durante a partilha da comida, no olhar nos nossos olhos, através de uma simples palavra dita e no silêncio - em qualquer lugar e em todos os lugares que possamos imaginar. Tanto ativistas quanto solitários podem ser tecelões adeptos. Tecer pode ser dar um presente, receber um, ou ambos - receber de coração também pode ser uma forma de doação. A tecelagem não divide, exclui ou segregar. A tecelagem é ativamente não-violenta; é dedicado, fiel e amoroso.



O testemunho da vida é mais eloquente que o das palavras.

O fato de nossa Ordem ter raízes precoces na Índia oferece outro testemunho da importância da tecelagem; e neste caso dos profundos laços espirituais que compartilhamos com as principais religiões do mundo. Por exemplo, a Sociedade Anglicana de São Francisco traça seus princípios orientadores do Ashram cristão, Christa Seva Sangha, que foi fundado na Índia em 1922. De dentro da tradição cristã, os autores dos nossos Princípios identificam Oração, Estudo e Trabalho, respectivamente

como Bhakti, Dnyana e Carma. O significado de 'Karma' aponta diretamente para o ensinamento universal sobre causa e efeito que São Paulo encorajou: 'pois você colhe o que você semeia'. Isto é o que os Princípios da TSSF originais (1934) dizem sobre Trabalho (Karma):

Jesus, o Mestre, assumiu a forma de servo. Ele não veio para ser servido mas para servir. Ele andou fazendo o bem, curando os enfermos, pregando boas novas aos pobres, consertando os quebrantados de coração. Aqueles que pretendem ser seus servos e o seguirem devem ser diligentes no ministério aos outros ... Eles devem lembrar que, nesta tarefa de mostrar Cristo aos outros o testemunho da vida é mais eloquente do que o das palavras. (Irmã Joyce CSF, 2003:38).

A maioria de nós lê ou ouve isso - *o testemunho de vida é mais eloquente que o das palavras* - e sabe que vem do coração de Francisco. Uma ironia moderna são aqueles controversos, politicamente carregados debates que frequentemente se aglutinam em torno das palavras desse mesmo ensino. Normalmente, a questão é se Francisco realmente escreveu ou pronunciou a versão comumente mais ouvida, *'pregue sempre o evangelho; use palavras, se necessário,'*. De acordo com Sweeney em seu *Francisco de Assis, Os Escritos Essenciais: Em Suas Próprias Palavras*, não há evidência de que Francisco colocou exatamente dessa forma. Em vez disso, foi isso que Francisco escreveu:

Devemos percorrer o mundo encorajando a todos, mais por atos do que por palavras, fazer penitência por nossos pecados e viver com os mandamentos de Deus em nossas mentes. (De 'A Lenda dos Três Companheiros' em Sweeney, 2018, p. 19, Primeira Impressão, Segunda edição).

Infelizmente, as controvérsias sobre isso giram em torno da forma externa das palavras, o que mina o coração do significado de Francisco. Posso imaginar que o Espírito poderia ter colocado as palavras de Francisco - mais com atos do que com palavras - ou sua intenção subjacente no coração de um devoto que então colocou desta forma: *pregue o evangelho sempre; use palavras, se necessário*. Quem sabe? Ou nos anos 1200, Francisco pode ter colocado de muitas outras maneiras também, não em uma carta, mas em discursos animados. De qualquer maneira eu acho difícil acreditar que ele gostaria que caíssemos em argumentos enganosos sobre as palavras exatas, perdendo o significado por trás delas.

Isso demonstra por que a natureza entrelaçada de Oração, Estudo e Trabalho deve ser profundamente engajada em nossa vida juntos - profundamente no sentido de Jesus que disse: *Fazei isto em memória de mim*. Por exemplo, membros do Ashram cristão na Índia conheceram essas palavras poéticas atribuídas a Rabindranath Tagore (1861-1941), um líder espiritual e ganhador do Prêmio Nobel em Bengala, que foi seu contemporâneo:

Dormi e sonhei que a vida era alegria.

Acordei e vi que a vida era serviço.

Eu agi e eis que o serviço era alegria.

De dentro de sua tradição, Tagore entrelaça dormir, sonhar e ação com Serviço e Alegria de uma forma que ressoe com a vida franciscana. Suas encorajadoras palavras - como as de São Paulo e São Francisco - ecoam como o som da amizade dentro do tecido sagrado da vida. Para Francisco, Clara e muitos, muitos outros peregrinos no caminho, a eloquência do testemunho de vida, mais do que a das palavras, sempre esteve no coração da nossa Obra e da nossa Ordem.



O testemunho de vida em vez de palavras

Francisco dando seu manto a um homem pobre

Giotto di Bondone, Afresco na igreja superior de São Francisco em Assis, 1305-1306

Referências

- Bodo, Murray, OFM *Surrounded by Love: Seven Teachings from Saint Francis*, Franciscan Media: Cincinnati, Ohio, 2018.
- Bonhoeffer, Dietrich *Life Together*. Harper Collins: NY, 2008 (originally 1994).
- Brother Geoffrey *The Way of Saint Francis*. Edmund Norvic Press: Norwich, c. 1986.
- Chardin, Teilhard de. *The Phenomenon of Man*. New York, Harper Torchbooks, 1961.
- Cowan, James *A Saint's Way*. Liguori/Triumph: Liguori, Missouri, 2001.
- Freire, Paulo. *Pedagogy of the Oppressed*. New York, Continuum, 1979.
- Freire, Paulo *The Pedagogy of Hope*. New York: Continuum Press, 1992.
- Golliher, Jeff "Ethical, Moral, and Religious Concerns". In *Cultural and Spiritual Values of Biodiversity*. United Nations Environmental Program, 1999.
- Golliher, Jeffrey and William Bryant Logan *Crisis and the Renewal of Creation: Church and World in the Age of Ecology*. Continuum Publishing Company: New York, 1996.
- Humboldt, Alexander von. *Views of Nature: Or Contemplations On The Sublime Phenomena of Creation*. London, George Bell and Sons, 1884.
- Kirby, W.J. Torrance "Richard Hooker's Theory of Natural Law in the Context of Reformation Theology". *The Sixteenth Century Journal*, Vol. 30, No. 3, pp. 681-703.
- Korzybski, Alfred *An Introduction to Non-Aristotelian Systems and General Semantics*, preface by Robert P. Pula. Institute of General Semantics, 1994.
- Lyons, Oren "All My Relations: Perspectives from Indigenous Peoples." In *Cultural and Spiritual Values of Biodiversity*. United Nations Environmental Program, 1999.
- MacDonald, Archbishop Mark "Statement Prepared for the Provincial Ministers Meeting, Third Order, Society of St. Francis". September 2020. In *Franciscan Times*, Fall 2020, pp. 9-10.
- Posey, Darrell (ed) *Cultural and Spiritual Values of Biodiversity*, United Nations Environmental Program, 1999.
- Roszak, Theodore and Mary Gomes (eds) *Ecopsychology: Restoring the Earth, Healing the Mind*. Sierra Club Books, San Francisco, 1995.
- Ross, Maggie. *Silence: A User's Guide; Volume 1: Process*. Foreward by Rowan Williams. Cascade Books, Eugene, Oregon, 2014.
- Ross, Maggie. *Silence: A User's Guide; Volume 2: Application*. Cascade Books, Eugene, Oregon, 2018.
- St. Gregory of Sinai, "Texts on Commandments and Dogmas" in *Philokalia, On the Prayer of the Heart*. Translated by E. Kadloubovsky and G.E.H. Palmer. London, Faber and Faber, 1979, pp. 57-59.

Sister Joyce, CSF “Walking in the Footsteps of Christ: The Historical Documents of the Society of Saint Francis”. The Society of Saint Francis. Hilfield Friary: Dorchester, Dorset, 2003.

Sweeney, Jon W. *Francis of Assisi, The Essential Writings: In His Own Words*, Second Edition. San Damiano Books, Paraclete Press: Brewster, MA, 2018.

Thompson, William Irwin. *The American Replacement of Nature: Everyday Acts and Outrageous Evolution of Economic Life*. New York, Doubleday, 1991.



A Sociedade de São Francisco, Terceira Ordem (Anglicana), expressa grande pesar e oferece orações por nosso amigo e colega, Mark MacDonald, que renunciou ao cargo de Arcebispo Nacional Indígena Anglicano na Igreja Anglicana do Canadá após receber alegações de má conduta sexual. Ele renunciou formalmente ao exercício do ministério ordenado de acordo com o Cânon XIX em 20 de abril de 2022.

Estendemos nossas sinceras orações e cura a todos aqueles que são e foram afetados e envolvidos nesta trágica circunstância. Como membros da Sociedade Anglicana de São Francisco, sempre trabalhamos pelo respeito e dignidade de cada pessoa.